

cinco anos de Francisco



Francisco tenta, realmente,
'mudar a Igreja',
não nos seus elementos essenciais,
mas na sua orientação em relação
ao mundo contemporâneo."

Papa Francisco abençoa um homem
que sofre de neurofibromatose

cinco anos do papado de Francisco: "elogio ao barulho"

No mês de março de há três anos, o Papa Francisco fez uma observação surpreendente, durante uma entrevista à rede mexicana *Televisa*: “Tenho a sensação de que o meu pontificado será breve: quatro ou cinco anos”. Como já haviam decorrido dois anos desde a sua eleição, em 13 de março de 2013, a observação improvisada de Francisco, pareceu colocar uma linha do tempo inesperadamente curta no seu papado.

Estamos, agora, a celebrar os cinco anos do pontificado de Francisco. Os editores da revista *America* desejam-lhe muitos mais anos. “Hagan lío”, disse ele a uma multidão de milhões de pessoas na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em 2013, “façam barulho”, e não há dúvida de que este seu pontificado fez exatamente isso.

As próprias experiências de Jorge Bergoglio nos ministérios jesuítas e como arcebispo de Buenos Aires moldaram-no, claramente, como um papa defensor dos pobres, dos marginalizados e das vítimas de uma cultura do descarte. Ele rejeitou, duma forma bem evidente, a riqueza e as armadilhas do seu ofício, e os gestos simples que acompanharam essa convicção serão os símbolos duradouros do seu pontificado.

Francisco intensificou as fortes condenações do seu antecessor, Bento XVI, à guerra, a um mercado desenfreado e à crescente disparidade económica; pôs, igualmente, à disposição dos líderes internacionais uma voz profética franca, mas bem-vinda, de correção a esses mesmos líderes, incluindo o presidente Trump.

Em cinco anos, Francisco produziu três documentos importantes. O primeiro, foi a sua exortação apostólica “A alegria do evangelho” (*Evangelii gaudium*, 2013), na qual esboça a sua visão de uma Igreja cujas forças e recursos deveriam tornar-se “um canal adaptado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (n. 27).

Seguiu-se, logo depois, a Laudato si. Embora tenha sido amplamente recebida como um apelo à proteção ambiental e como uma crítica ao consumismo, a encíclica é, também, uma das mais importantes documentos sobre justiça social da história. “Tudo está interligado”, escreve o papa Francisco. Não podemos afirmar os direitos da humanidade, negando a dignidade da nossa casa ambiental; não podemos abortar nem “eutanasiar” ou marginalizar seres humanos indesejados, como se fossem lixo; e não podemos arruinar o planeta em busca de riqueza, de facilidades ou de ideias mal-intencionadas de liberdade.

Mais controversa foi a exortação pós-sinodal de Francisco sobre a família, “A alegria do amor” (*Amoris laetitia*, 2016). Esta exortação, que analisa uma ampla gama de tópicos relacionados com o amor humano, abriu, também, a possibilidade de as pessoas divorciadas e em segunda união retomarem a prática dos sacramentos sob certas condições. Esta concessão pastoral despertou os mais ardentes protestos: opiniões de muitas pessoas que vivem e exercem o seu ministério em situações pastorais difíceis, e críticas vigorosas por parte daqueles que acusam o papa de ir contra a doutrina da Igreja.

Uma mudança mais silenciosa, mas mais dramática, é a nova importância dada pela *Amoris laetitia* à autoridade do bispo local, na aplicação pastoral da lei universal da Igreja. Os críticos desta restituição da autoridade dizem que ela acabará por fazer com que a Igreja ensine, numa determinada cidade, o que não é ensinado noutra situação contrária à universalidade da mesma Igreja. Esta crítica, porém, confunde

universalidade com uniformidade, um erro contra o qual Francisco se pronunciou claramente. O respeito pela autoridade das estruturas locais na Igreja, ajudar-nos-á a recuperar o senso da eclesiologia de comunhão e, também, a respeitar as diferenças culturais.

Estas luzes de esperança tornam as sombras deste pontificado ainda mais decepcionantes. Nenhuma destas manchas foi mais dolorosa do que a resposta desigual de Francisco aos abusos sexuais na Igreja, precisamente porque, aqueles que foram abusados pelo clero, são algumas das vítimas mais óbvias da cultura do descarte que Francisco condena.

O papa nomeou, recentemente, novos membros da Pontifícia Comissão para a Proteção dos Menores por ele criada em 2014, incluindo representantes leigos, na esperança de dar uma nova vida à comissão, após repetidas reclamações dos membros anteriores de que algumas autoridades do Vaticano se tinham recusado a cooperar com ela.

Pior ainda é a crise em curso na Igreja no Chile, onde Francisco defendeu um bispo acusado de não denunciar abusos sexuais, apesar das substanciais evidências de irregularidades, chegando, até, a acusar os acusadores do bispo de calúnia. Embora Francisco se tenha desculpado pela sua insensibilidade, e tivesse nomeado um oficial de alto gabarito para investigar as alegações, o dano causado aos corações já feridos e à credibilidade do papa foi grande.

A reforma vaticana também foi por água abaixo, apesar da nomeação de Francisco, em 2013, de um conselho de cardeais encarregado de fazer uma revisão à Cúria romana. Poucos progressos públicos foram feitos para sanar a cultura esclerosada do Vaticano, e grande parte das suas operações continuam tão opacas como antes.

Ecclesia semper reformanda est. Uma Igreja aberta à missão de uma forma nova, deve ser uma Igreja que escuta as vozes que ignorou no passado em seu próprio e grande detrimento, em primeiro lugar e, acima de tudo, das mulheres.

Ao nível da diplomacia e da eclesiologia, as últimas semanas trouxeram novos sinais de esperança para a Igreja Católica na China. Francisco prossegue o trabalho delicado e frustrante de ligação com



o governo chinês, no sentido de normalizar a vida da Igreja nesta nação. Os movimentos controversos, mas pragmáticos, em direção a uma política de nomeação conjunta de bispos com o governo, levantaram a possibilidade de se chegar a um objetivo há muito desejado: uma Igreja Católica unida na China pela primeira vez em setenta anos. O jesuíta Matteo Ricci ficaria orgulhoso.

Esta ladainha de luzes e sombras fala de um assunto mais amplo ainda: o objetivo pessoal que Francisco parece ter estabelecido para o seu papado. Os seus críticos têm, com certeza, razão numa coisa: o papa tenta, realmente, “mudar a Igreja”, não nos seus elementos essenciais, mas na sua orientação em relação ao mundo contemporâneo.

A Igreja não é “um catálogo de proibições” a ser imposto, lembrou-nos o papa Bento XVI, nem um clube de elite para os salvos. Não devemos esquecer que a Igreja é a sua missão. Como o papa Francisco disse, antes do conclave em que foi eleito, a Igreja deve sair de si mesma para proclamar, plenamente, o convite para participar da missão de salvação e redenção de Cristo.

Nos cinco anos deste papado inovador, há muito mais barulho a fazer ainda.

A opinião é da *AMERICA*, expressa em editorial, publicado na edição de março de 2018, que celebra os cinco anos do pontificado de Francisco.

os noventa anos de D. Pedro Casaldáliga: pobreza e libertação



AO COMPLETAR, NO DIA 16 DE FEVEREIRO DE 2018, NOVENTA ANOS, QUEREMOS HOMENAGEAR **D. PEDRO CASALDÁLIGA**, pastor, profeta e poeta, com um texto que, a meu ver, constitui o fio condutor de toda a sua vida de cristão e bispo: a relação que estabeleceu entre a pobreza e a libertação. Viveu e testemunhou, com riscos da própria vida, tanto a pobreza como a libertação dos mais oprimidos que são os indígenas e os camponeses, expulsos pelos latifúndios em terras

de São Félix do Araguaia. A pobreza é um facto que sempre tem desafiado as práticas humanas e todo o tipo de interpretação. O pobre concreto desafia-nos tanto, que a atitude para com ele acaba por definir a nossa situação definitiva diante de Deus. Assim o comprovam tanto o Livro dos Mortos do Egipto, como a tradição judaico-cristã que culmina no texto de Mateus 25.

Talvez o mérito maior do bispo Dom Pedro Casaldáliga tenha sido ter tomado absolutamente a sério os desafios que os pobres do mundo inteiro, especialmente os da América Latina, nos lançam e a sua libertação.

Com certeza que ele vivenciou o seguinte processo: antes de qualquer reflexão ou estratégia de ajuda, a primeira reação deve ser a de profunda humanidade: deixar-se comover e encher-se de compaixão. Como poderemos deixar de atender à sua súplica, e de entender a linguagem das suas mãos suplicantes? Quando a pobreza nos surge como miséria, um sentimento de indignação e de iracúndia sagrada irrompe em todas as pessoas sensíveis, tal como em Dom Pedro, como se pode observar, duma maneira bem clara, nos

seus textos proféticos, especialmente os dirigidos contra o sistema capitalista e imperialista que produz, continuamente, pobreza e miséria.

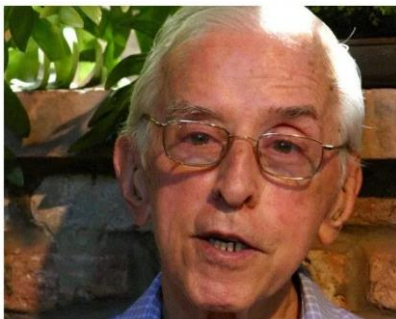
O amor e a indignação estão na base das práticas que visam abolir ou minorar a pobreza. Só está, efetivamente, do lado do pobre quem, antes de tudo o mais, o ama profundamente e não aceita a sua situação desumana. E Dom Pedro deu testemunho desse amor incondicional.

Mas somos, também, realistas, como nos adverte o livro do Deuteronómio: "Nunca faltarão pobres na terra. Por isso te faço esta recomendação: abre, abre a mão ao teu irmão, ao pobre e ao necessitado que estiver na tua terra" (15,11). Da Igreja das origens em Jerusalém se diz em jeito de louvor: "Pois necessitado não havia ninguém no meio deles" (At 4,34) porque colocavam tudo em comum.

Estes sentimentos de compaixão e de indignação fizeram que Dom Pedro deixasse a Espanha, fosse para a África e, por fim, desembarcasse não simplesmente no Brasil, mas no interior desse país, onde os camponeses e indígenas padecem sob a voracidade do capital nacional e internacional.

1. Leituras do escândalo da pobreza

Convém que façamos alguns esclarecimentos, em função de uma compreensão mais adequada da anti realidade da pobreza. Eles nos ajudarão a qualificar a nossa presença efetiva junto dos pobres. Há três compreensões de pobre que são, ainda hoje, objeto de debate.



A primeira, tradicional, entende o pobre como aquele que não tem. Não tem meios de vida, não tem rendimentos suficientes, não tem casa, numa palavra, não tem bens. Sobrevive no subemprego e com baixos salários. Quem pertence ao sistema dominante, considera-os economicamente como zeros, óleo queimado, sobras. Então, a estratégia é mobilizar quem tem, no sentido de ajudar a quem não tem. Foi em nome deste princípio que, durante muitos séculos, se organizou uma vasta assistência. E uma política

beneficente, mas não participativa. Mantém os pobres dependentes. Não descobriu, ainda, o seu potencial transformador.

A segunda, a progressista, descobriu o potencial dos pobres e percebeu que este não está a ser utilizado. Este potencial é qualificado e fortalecido pela educação e pela profissionalização. Deste modo, os pobres são inseridos no processo produtivo. Reforçam o sistema, tornam-se consumidores, embora em menor escala, e ajudam a perpetuar as relações sociais injustas que continuam a gerar pobres. Atribui-se ao Estado a principal tarefa de criar postos de trabalho para estes pobres sociais. A sociedade moderna, liberal e progressista incorporou esta visão.

A leitura tradicional vê o pobre, mas não se apercebe do seu caráter coletivo. A progressista, descobriu-lhe o caráter coletivo, mas não compreendeu ainda o seu caráter conflitivo. Analiticamente considerado, o pobre é resultado de mecanismos de exploração que o tornam empobrecido, gerando, assim, um grave conflito social. Revelar tais

mecanismos foi, e continua a ser, o mérito histórico de Karl Marx. Previamente à integração do pobre no processo produtivo vigente, dever-se-ia fazer uma crítica do tipo de sociedade que, continuamente, produz e reproduz pobres e excluídos.

A terceira posição é a libertadora. Ela afirma: os pobres têm, de facto, potencialidades. Não apenas para engrossarem a força de trabalho e reforçarem o sistema, mas principalmente para transformarem a sua mecânica e a sua lógica. Os pobres, consciencializados, organizados por eles mesmos e articulados com outros aliados, podem ser construtores de um outro tipo de sociedade. Podem, não apenas, projetar, mas também pôr em marcha a construção de uma democracia participativa, económica e ecológico-social. À universalização e à plenitude desta democracia sem fim, dá-se o nome de socialismo. Esta perspectiva não é nem assistencialista nem progressista. É, antes, verdadeiramente libertadora, porque faz do oprimido o principal sujeito da sua libertação e o forjador de um projeto alternativo de sociedade.

A teologia da libertação assumiu esta leitura do pobre que se traduziu na opção pelos pobres contra a pobreza e a favor da vida e da liberdade. Fazer-se pobre por amor a eles e em solidariedade com as suas lutas, significa um compromisso contra a pobreza material, económica, política, cultural e religiosa. O oposto a esta pobreza não é a riqueza, mas a justiça e a equidade.

Esta última perspectiva foi e é testemunhada e praticada por Dom Pedro Casaldáliga, em toda a sua atividade pastoral. Com risco de vida, apoiou os camponeses expulsos pelos grandes latifundiários. Juntamente com as Irmãzinhas de Jesus do Pe. Foucauld, colaborou no resgate biológico dos tapirapés, ameaçados de extinção. Não há movimento social e popular que não tenha sido apoiado por este pastor de excepcional qualidade humana e espiritual.

2. A outra pobreza: a evangélica e essencial

Há, ainda, duas dimensões da pobreza que estão presentes na saga de Dom Pedro: a pobreza essencial e a pobreza evangélica.

A pobreza essencial resulta da nossa condição de criaturas. Possui, portanto, uma base ontológica, independente da nossa vontade. Parte do fato de que não fomos nós que nos damos a existência. Vivemos na dependência de um prato de comida, de um pouco de água e das condições ecológicas da Terra. Somos pobres neste sentido radical. A Terra não é nossa, nem a criamos. Somos nela hóspedes e passageiros de uma viagem que vai para além dela. Mais ainda. Humanamente, dependemos de pessoas que nos acolhem e que convivem connosco com os altos e baixos, próprios da condição humana. Somos todos interdependentes. Ninguém vive para si e em si. Estamos sempre enredados numa teia de relações que garantem a nossa vida material, psicológica e espiritual. Por isso somos pobres e dependentes uns dos outros.

Acolher esta *condition humaine* torna-nos humildes e humanos. A arrogância e a excessiva autoafirmação, não têm, aqui, lugar, porque não possuem base que as sustente. Esta situação é um convite a sermos generosos. Se recebemos o ser de outros, devemos também doá-lo aos demais. Esta dependência essencial torna-nos também gratos a Deus, ao universo, à Terra e às pessoas que nos aceitam tal como somos. É a pobreza essencial. Esse tipo de pobreza fez de Dom Pedro um bispo místico, agradecido por todas as coisas.

Existe, ainda, a pobreza evangélica, proclamada por Jesus como uma das bem-aventuranças. Eis o que diz o evangelho de São Mateus:” bem-aventurados os mendigos

pelo espírito, porque deles é o Reino dos céus” (5,3). Este tipo de pobreza não está diretamente vinculada ao ter ou não ter. Mas a um modo de ser, a uma atitude que poderíamos traduzir por infância espiritual. Pobreza, aqui, é sinónimo de humildade, desprezimento, vazio interior, renúncia a toda vontade de poder e de autoafirmação. Implica a capacidade de esvaziar-se para acolher a Deus, implica, também, o reconhecimento da nulidade da criatura diante da riqueza do amor de Deus que se comunica gratuitamente. O oposto a esta pobreza é o orgulho, a fanfarronice, a inflação do eu e o fechar-se diante dos outros e de Deus.

Esta pobreza significou a experiência espiritual do Jesus histórico. Ele não somente foi pobre materialmente e assumiu a causa dos pobres, como também se fez pobre em espírito, pois “esvaziou-se a si mesmo tomando a forma de um escravo, tendo nascido numa semelhança de seres humanos; e tendo sido descoberto pelo aspeto como ser humano, rebaixou-se, tendo-se tornado obediente até à morte: morte de cruz” (Fl 2,7-9). Esta pobreza é o caminho do evangelho, por isso se lhe dá, também, o nome de pobreza evangélica, sugerida por São Paulo: “isto pensai em vós – o que também existiu em Cristo Jesus” (Fl 2,5).

O profeta Sofonias testemunha esta pobreza de espírito quando escreve: “Naquele dia, não serás envergonhado como resultado de todas as tuas ações, pelas quais agiste com impiedade contra Mim, porque então removerei de ti as displicências do teu orgulho; e já não falarás com grande arrogância contra o Meu monte santo. E deixarei em ti um povo manso e humilde; e honrarão o Meu nome os remanescentes de Israel” (3,11-12).

Esta pobreza evangélica e infância espiritual constituem uma das irradiações mais visíveis e convincentes da personalidade de Dom Pedro Casaldáliga. Ela transparece no seu modo pobre, mas sempre limpo, de se vestir, na sua linguagem inundada de humor, mesmo quando critica de forma contundente os desvarios da globalização económico-financeira e da prepotência neoliberal, ou, profeticamente, denuncia as visões medíocres do governo central da Igreja, face aos desafios dos condenados da Terra e das questões que dizem respeito a toda a humanidade. Esta atitude de pobreza manifesta-se, de forma exemplar, quando nos encontros com cristãos das bases, geralmente pobres, Dom Pedro se coloca no meio deles, escuta atentamente o que eles dizem, e quando se senta aos pés de conferencistas, sejam eles teólogos, sociólogos ou portadores de qualquer outro saber qualificado, para os escutar, anotar os seus pensamentos e humildemente formular questões. Esta abertura revela um esvaziamento interior que o torna capaz de, continuamente, aprender e fazer as suas sábias ponderações sobre os caminhos da Igreja, da América Latina, do Brasil e do mundo. Vemos esta atitude nos twitter's que, quase diariamente, envia pela internet.

Quando os atuais tempos perturbados tiverem passado, quando as desconfianças e mesquinhas tiverem sido engolidas pela voragem do tempo, quando olharmos para trás e considerarmos os últimos decénios do século XX e os inícios do século XXI. Identificaremos uma estrela no céu da nossa fé, rutilante, após ter atravessado as nuvens, suportado obscuridades e vencido tempestades: é a figura simples, pobre, humilde, espiritual e santa de um bispo que, estrangeiro, se fez compatriota, distante se fez próximo, e próximo se fez irmão de todos, irmão universal: o nonagenário Dom Pedro Casaldáliga.

LEONARDO BOFF é teólogo, filósofo e escritor que se deixou fascinar e inspirar por D. Pedro Casaldáliga
<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/02/16/90-anos-de-dom-pedro-casaldaliga-pobreza-e-libertacao/>

Cinco anos com Francisco



HÁ CINCO ANOS O CONSISTÓRIO DOS CARDEAIS ELEGEU O NOVO BISPO DE ROMA, "vindo do fim do mundo". O nome foi significativo. Logo no início, foi a Lampedusa encontrar imigrantes sobreviventes. Mais adiante, na Bolívia, reuniu-se com movimentos sociais. Simples, a caminho da casa Santa

Marta, onde mora. Hoje é uma referência mundial, a personalidade mais atuante e crítica no planeta. Como bispo de Roma (prefiro isso a dizer papa) é o primaz da Igreja Católica Romana. Tem tomado iniciativas surpreendentes e colocado questões à consciência dos cristãos ("**quem sou eu para julgar?**").

Um perigo: criar-se um mito, um novo tipo subtil de papolatria, que é uma maneira de colocá-lo no alto de um pedestal e, com isso, afastá-lo para cima: com a consciência tranquila de ter um "papa formidável", a Igreja descansa nele ("**temos Francisco**") e não faz as mudanças indispensáveis. Os problemas que teve no Chile e no Peru mostram-no felizmente vulnerável e sujeito a questionamentos. Sempre pede que rezem por ele. Um passo mais: ajudemos-lhe na crítica a factos de seu pontificado e, principalmente, à Igreja institucional que, na cúria e nas igrejas locais, tem enorme dificuldade em rever-se em tantos casos de moral anacrónica (ver problemas de sexualidade e reprodução) e diretrizes que serviram em outras épocas (celibato obrigatório, causa de tantos problemas psíquicos e escândalos).

Celebrar Francisco é sermos fieis aos desafios que nos coloca; é trabalhar pelo "aggiornamento" que ficou inacabado desde João XXIII e o Vaticano II. Então, sim, poderemos dar graças ao dom do Espírito que desceu com ele na Igreja Católica Romana.

O comentário é de LUIZ ALBERTO GOMEZ DE SOUZA, sociólogo.



NOMEAÇÃO DE D. MANUEL DA SILVA RODRIGUES LINDA PARA O GOVERNO PASTORAL DA DIOCESE DO PORTO / MENSAGEM DE SAUDAÇÃO À DIOCESE DO PORTO / NOTA BIOGRÁFICA



Mensagem

Aos que, na consciência da fé, no desânimo da indiferença, na adesão a outras crenças ou até na oposição ao fenómeno religioso aspiram à felicidade pessoal e colectiva, edificam a sociedade humana na paz e na verdade e vivem ou são originários da área da Diocese do Porto

1. Ao longo da vida, tenho sido presenteado com surpresas tão agradáveis que nem sequer ousava esperar. Muitos chamarão a isso coincidência ou acaso. Eu, porém, acredito que é o Espírito de Deus quem conduz a história, não obstante a liberdade pessoal e até as resistências colocadas à graça. A minha nomeação para ir pastorear a Diocese do Porto, agora tornada pública, insere-se nestas felizes surpresas com que Deus tem urdido as teias da minha existência.
2. Ao Santo Padre, o Papa Francisco, agradeço esta prova de confiança. E renovo, solenemente, uma total fidelidade efectiva e afectiva. Igual agradecimento vai para o senhor Nuncio Apostólico e para quantos apostaram no meu nome: como disse por alturas da minha ordenação episcopal, tentarei não defraudar a confiança.

3. Não é sem emoção que regresso ao Porto passadas quase quatro décadas depois da minha formação no seu Seminário Maior. Daqui surgiu para a vida sacerdotal, aqui exerci o sacerdócio colaborando na formação de novos padres, aqui volto como mais um de entre os muitíssimos que apostam tudo na evangelização e na promoção humana desta Diocese que sempre se distinguiu pela cultura dos seus membros, zelo missionário, santidade operante e sadia presença na sociedade. Tudo isto na fidelidade ao sopro do Espírito que nos manda edificar «um novo céu e uma nova terra», de acordo com os sinais dos tempos.

4. É, pois, com uma imensa alegria e não menor admiração que saúdo quantos a constituem. Permitam-me um destaque especial para os mais débeis: os pobres, desempregados, doentes, idosos, detidos e quantos perderam os horizontes da esperança. Cumprimento as famílias, sem qualquer dúvida, a célula básica da sociedade e, conseqüentemente, também da nossa Igreja. Apetecia-me parafrasear o Papa São João XXIII e dizer com a mesma bonomia: dai um beijo aos vossos filhos e dizei-lhes que é o novo bispo quem Iho manda. Felicito quantos constituem a necessária teia social da comunidade viva: o mundo do trabalho e suas organizações, os sectores da cultura e do desporto, os organismos voltados para a saúde e para a assistência social, autênticos pilares da liberdade e da felicidade possíveis. Uma palavra de admiração aos dirigentes da comunidade: sei bem do vosso valor e zelo nos diversos âmbitos, seja nas autarquias e no ensino, seja na segurança ou na administração.

5. A Igreja de Deus que está no Porto é fidelíssima naquele dinamismo apostólico e missionário que deve caracterizar o homem e a mulher de fé. Agradeço a todos os que empenham muitas das suas energias ao serviço do Evangelho: os fiéis leigos que dão corpo aos organismos paroquiais e diocesanos e fermentam o mundo com o humanismo cristão; as religiosas e os religiosos que nos oferecem o exemplo do seguimento radical de Jesus; os Diáconos que testemunham a caridade como primeira característica do Reino de Deus; os Seminários que nos asseguram a esperança; os caríssimos Padres, alguns já tão cansados, que aguentam o peso do trabalho e a desconfiança de uma sociedade em continua mutação; o Cabido, instância de saber e de dinamismo sacerdotal; o Vigário Geral e membros das estruturas de participação, garantia da co-responsabilidade; o Reverendíssimo Administrador Diocesano, D. António Taipa e os Senhores Bispos Auxiliares, D. Pio Alves e D. António Augusto, os quais, no seu conjunto, constituem o verdadeiro centro nevrálgico da intensa vida diocesana. Continuaremos com este dinamismo. Deixai-me inserir nessa vinha do Senhor como assalariado acabado de contratar.

6. Trabalharei no Porto como tenho feito até aqui: «com Pedro e sob Pedro». Mas também «à maneira de Pedro». Isto é, pretendo ser um «missionário da misericórdia», um pastor com «o cheiro das ovelhas», um pai dos Padres, um irmão dos mais pobres e um fomentador do espírito ecuménico e de diálogo. Procurarei reconduzir a Igreja a uma tal simplicidade evangélica que a constitua referencial ético para o mundo actual.

7. Ainda que numa visão global e apressada, no último século, chama a atenção uma forte semelhança entre o enorme timbre de grandeza dos Pastores da Diocese do Porto e os da Igreja universal. Numa e noutra, há mártires, profetas e santos. No caso desta nossa Diocese, legaram-nos um tal património histórico-moral que constitui uma referência incontornável para a Igreja e para a sociedade portuguesas. Tendo presente, apenas, aqueles que conheci pessoalmente, não deixarei de me inspirar na determinação granítica de D. António, no zelo pastoral de D. Júlio, na arguta perspicácia de D. Armindo, na lucidez intelectual de D. Manuel e na afectividade pura e contagiante de D. António Francisco.

8. Sei bem que o meu antecessor directo marcou a história da Diocese com a sua proximidade e candura. Por isso, foi chorado como um pai. Também o foi por mim. Não ignoro que não é fácil substituí-lo. Mas todos nós, agentes de pastoral, tomaremos em boa conta o seu grande legado: a certeza de que a única chave que abre o coração humano é a ternura e a simpatia.

9. Se o Porto é a “*cidade do trabalho*”, não é menos a “*cidade da Virgem*”. Da “*Terra de Santa Maria*” até à Senhora da Vandoma, a invocação pode ser distinta, mas a devoção e a confiança são as mesmas. Então, que a Mãe de Jesus e Mãe da Igreja vele por nós e pelo meu novo ministério, para que sejamos, agora e sempre, uma Igreja aberta, franca, acolhedora, missionária, orante, solidária, encarnada no mundo. Se “*daqui houve nome Portugal*” como nos garante Eugénio de Andrade, também floresça uma Igreja conduzida pelo Espírito, sensível aos sinais dos tempos e sempre “*reformanda*”, como pede o Papa Francisco e exigem os nossos contemporâneos.

10. A nossa ilustre diocesana, Sophia de Mello Breyner, deixou-nos uns versos que interpelam: “*A presença dos céus não é a Tua, / embora o vento venha não sei donde. / Os oceanos não dizem que os criaste, / nem deixas o Teu rasto nos caminhos. / Só o olhar daqueles que escolheste / nos dá o Teu sinal entre os fantasmas*”. Somos nós esses escolhidos para captarmos e retransmitirmos o «sinal» de Deus. Vamos fazê-lo de tal maneira que se evitem todos os ruídos perturbadores e, dessa forma, se afugentem os fantasmas dos medos e os pavores da solidão, tão típicos da sociedade actual?

A todos abraço. Sobre todos invoco a bênção divina.

+ *Manuel Linda*

Nota biográfica

MANUEL DA SILVA RODRIGUES LINDA nasceu na Freguesia de Paus, Resende, a 15 de abril de 1956. Frequentou o Seminário Menor de Resende, o Seminário Maior de Lamego e o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto onde terminou o curso superior de Teologia em 1980. Foi ordenado presbítero a 10 de junho de 1981, para a Diocese de Vila Real.

Ao longo dos anos desempenhou várias funções eclesiais: pároco, assistente diocesano da Acção Católica, Promotor de Justiça e Defensor do Vínculo no Tribunal Eclesiástico e responsável pela Pastoral Juvenil. Foi também Capelão (alferes e tenente) do RI13 (Regimento de Infantaria de Vila Real), entre 1982 e 1985). Mas, a principal, foi a de reitor do Seminário de Vila Real, cargo que desempenhou ao longo de 19 anos, e de Vigário Episcopal para a Cultura. Foi, ainda, coordenador diocesano da pastoral e membro dos Conselhos Presbiteral, Pastoral e de Consultores.

Paralelamente à sua actividade eclesial, licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (1987), em Teologia pela Faculdade de Teologia (Porto) da mesma Universidade (1988), obteve a licenciatura canónica (estudos de segundo grau, equivalente ao Mestrado) em Teologia, pela Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma (1991), e o doutoramento em Teologia, especialidade de Teologia Moral, pela Universidad Pontificia Comillas, em Madrid (1998), com a tese “Andragogia política em D. António Ferreira Gomes”.

Ao longo dos anos foi leccionando em diversas Escolas (Escolas Básicas e Secundárias e na Escola de Enfermagem de Vila Real, nesta ao longo de cerca de três décadas) e, na Universidade Católica Portuguesa, nas Faculdades de Teologia e de Direito e na Escola das Artes. Orientou diversas teses de licenciatura e mestrado e participou em diversos júris académicos. Ocasionalmente, colaborou ainda com outras instituições de ensino superior, mormente com o Instituto Superior Miguel Torga/Escola Superior de Altos Estudos (Coimbra), Universidade do Minho e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Para além da docência, na vida académica desempenhou diversas funções, tais como: director da Extensão de Vila Real da Faculdade de Teologia da UCP; membro da Comissão Pedagógica da FT – Porto; Coordenador do Programa Erasmus/Sócrates; membro do Conselho de Direcção da revista Humanística e Teologia; Membro do Conselho Pedagógico, etc. É membro fundador do Centro de Estudos do Pensamento Português (UCP – Porto). Para além de colaboração diversa em vários científicos, entre artigos de revistas, obras colectivas, dicionários e enciclopédias, etc.

Foi nomeado bispo auxiliar de Braga, a 27 de junho de 2009 pelo Papa Bento XVI, com o título de Case Mediane, tendo sido ordenado a 20 de setembro desse ano.

A 10 de outubro de 2013, o Papa Francisco nomeou-o Ordinário Militar para Portugal ou Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, para suceder a D. Januário Torgal Mendes Ferreira. Canonicamente, tomou posse no dia 24 de Janeiro de 2014, em Fátima, perante os sacerdotes que trabalham no Ordinariato. A 8 de Abril de 2014, foi nomeado Capelão Chefe por despacho conjunto dos Ministros da Defesa Nacional e da Administração Interna.

A nível da Conferência Episcopal Portuguesa, foi membro da Comissão Episcopal da Pastoral Social, para a área da Saúde (de 2000 a 2014) e, a 29 de Abril de 2014, foi eleito Presidente da Comissão Episcopal da Missão e Nova Evangelização e membro da Comissão Episcopal da Pastoral Social e da Mobilidade.